

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*Projeto Temático FAPESP Ecopolítica: governamentalidade planetária, novas
institucionalizações e resistências na sociedade de controle.*

RELATÓRIO PARCIAL DE PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA:

*Cooperifa e 1daSul: produção cultural pelo resgate
do orgulho e dignidade nas periferias paulistanas*

Projeto de Pesquisa de **Iniciação Científica**, apresentado a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Faculdade de Ciências Sociais.

Aluno: Alexandre Arbex

Orientador: Edson Passetti

PUC-SP

2012

SUMÁRIO

1.	Relatório de Atividades.....	4
1.1	Apresentação Relatório de Atividades.....	4
1.1.2	Atividades Relacionadas ao Projeto de Pesquisa.....	4
1.1.3	Atividades Relacionadas ao Projeto Temático.....	4
1.1.4	Atividades Relacionadas ao Grupo de Pesquisa.....	6
2.	Relatório Científico.....	7
2.1	Apresentação Relatório Científico.....	7
2.2	Resultados Preliminares.....	9
2.2.1	Discurso alegada carência.....	9
2.2.2	Conformidade com a ONU e ligações externas.....	11
2.2.3	Cultura Periférica e Hip Hop.....	15
2.2.4	Pela Dignidade e União da Periferia.....	18
2.2.5	Produção de Cultura na Periferia.....	28
3.	Inquietações.....	33
4.	Plano de Trabalho.....	36
5.	Cronograma.....	37
6.	Bibliografia.....	38
7.	Anexo.....	39

Apresentação do Relatório

O presente relatório objetiva a descrição das atividades realizadas nos últimos seis meses de trabalho. Refere-se à pesquisa em iniciação científica “Cooperifa e 1daSul: produção cultural pelo resgate do orgulho e dignidade nas periferias paulistanas” desenvolvida no interior do Projeto Temático Fapesp “Ecopolítica: governamentalidade planetária e resistências na sociedade de controle”.

As atividades ligadas ao projeto, como a participação como ouvinte no colóquio *Transformações da Biopolítica*¹ e o contato com outras pesquisas de teses e mestrado, incitaram diversas inquietações em relação ao tema de pesquisa proposto. Da mesma maneira as reuniões de orientação, que além de acertarem as direções para o desenvolvimento da pesquisa propiciaram o contato com as diversas inquietações de outros pesquisadores envolvidos, enriquecendo a experiência e o próprio trabalho.

A ida à loja de Ferréz proporcionou além de vasto material relacionado ao autor, como livros e o próprio documentário descrito abaixo, uma conversa com seu vendedor. Dita autogestionária e feita pelos e para os que moram na periferia da Zona Sul de São Paulo, não poderia ser diferente que seu vendedor fosse residente do Capão Redondo. Aproveitei para fazer algumas perguntas relacionadas à formação da *1daSul* no bairro e as consequências que ele pôde observar enquanto participante da comunidade, além de seus pareceres quanto aos objetivos da loja e do projeto cultural de Ferréz, também atuante naquela região.

¹ Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecopolitica/eventos/coloquio.html>. Acesso em: 2/03/12

1. Relatório de Atividades

1.1.1 Atividades relacionadas ao Projeto de Pesquisa

Visita à Loja 1daSul

Data: 23/11/2012 – Galeria do Rock/Rap 24 de Maio – Centro

Documentário: *Literatura e Resistência* - Ferréz

Data: 27/11/2012

Reuniões de Orientação

Data: 24/09/12; 19/10/12; 08/11/12; 20/12/12; 22/01/13; 30/01/13;

1.1.2 Atividades relacionadas ao Projeto Temático

Aula Teatro: *Saúde!*

Data: 8/10/2012

Colóquio Transformações da Biopolítica – PUC/SP

Mesa 01 – Data: 10/10/2012

Populações e Ambientes – André Duarte (UFPR), Beatriz Carneiro (Nu-Sol), Carmem Junqueira (PUC-SP) e Astrid Ulloa (Universidade Nacional da Colômbia).

Mesa 02 – Data: 10/10/2012

Biopolítica e Segurança – Laymert Garcia dos Santos (UNICAMP), Marcos César Alvarez (USP), Peter Pál Pelbart (PUC-SP) e Thiago Rodrigues (Nu-Sol/UFF).

Mesa 03 – Data: 11/10/2012

Resiliências e Resistências – Acácio Augusto (Nu-Sol/PUC-SP), Maria Cristina Franco Ferraz (UFF), Salete Oliveira (Nu-Sol/PUC-SP) e Christian Ferrér (Universidade de Buenos Aires).

Mesa 04 – Data: 11/10/2012

Regulações e Ecopolítica – Edson Passetti (Nu-Sol/PUC-SP), Alfredo Veiga Neto (UFRGS), José Maria Carvalho Ferreira (Universidade Técnica de Lisboa) e Guilherme Castelo Branco (UFRJ).

Documentário: *Ecopolítica-Ecologia*

Data: 10/10/2012 – Auditório Paulo Freire/TUCA

Documentário: *Ecopolítica-Segurança*

Data: 11/10/2012 – Auditório Paulo Freire/TUCA

A participação nas mesas do *Colóquio Transformações da Biopolítica* despertaram inquietações diversas no que diz respeito a construção da verdade e das dinâmicas de poder na sociedade de controle. Do ponto de vista político, para análise e desenvolvimento da pesquisa, os conceitos de *Resiliências* – capacidade elástica de feições diversas sob impacto, deformação e nova formação na sociedade de controle, uma adequação adaptativa que por efeitos geram o apaziguamento de confrontos² – e *penalizações a céu aberto* – que hoje pode ser visto como uma política de penalizações e governo de condutas articulados de forma compartilhada por meio de convocações democráticas à participação.

Uma vez estabelecida a cultura periférica, ou seja, um conjunto de usos e costumes, valores morais e físicos na tentativa de transformação das localidades observa-se uma espécie de aceitação em relação a essa condição. O estabelecimento do sentimento de orgulho e pertencimento de fazer parte de uma comunidade onde se alega relativa carência da presença do Estado faz com que se apaziguem os conflitos em favor de melhores condições. Desta maneira, as ações sociais se caracterizam como empresas voltadas para os negócios sociais o que colabora na formação de um sujeito empreendedor de si, que capitaliza a própria carência.

² OLIVEIRA, Salete. **Política e Resiliência – apaziguamentos distendidos**. Revista Ecopolítica número 4, 2012. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>. Acessado em: 03/03/13.

1.1.4 Atividades Relacionadas ao Grupo de Pesquisa

Leitura e Resenha de:

Bergamin, Marta de Aguiar. *Lutas na cidade de São Paulo: Mutirão Recanto da Felicidade e Banco Comunitário União Sampaio*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Sociologia. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cibele Saliba Rizek

Marques Adalton. *Crime, proceder, convívio-seguro: Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia. Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer.

Mães de Maio, Mães do Cárcere – A Periferia Grita. Nós por Nós. São Paulo: 2012;

Marques, Eduardo Torres, Haroldo da Gama e Saraiva, Camila. *Favelas no Município de São Paulo: Estimativas de População para os anos de 1991, 1996 e 2000*. R. B. Estudo Urbanos e Regionais. Volume 5, número 1, 2003.

Bógus, Lúcia Maria Machado. *Direito à Cidade e Segregação Espacial*. Revista Perspectiva. São Paulo, 1991.

Pasternak, Suzana. *São Paulo e suas Favelas*. Pós. Rev Programa Pós-Grad Arquit Urban. FAUUSP n.19 São Paulo jun. 2006

Estudo sobre:

Instituto Pólis e Programa Nossa São Paulo

2. Relatório Científico

2.1 Apresentação Relatório Científico

Nos primeiros seis meses de pesquisa o principal objetivo foi o esgotamento das fontes ligadas a produção artístico-cultural que em algum ponto se relacionam com os ativistas culturais da periferia realizadas por Sérgio Vaz e Ferréz em suas organizações, a Cooperifa e a 1daSul. A principal ferramenta de localização e pesquisa foi o Google, para assim frequentar sebos e bibliotecas e, objetivamente, realizar o levantamento bibliográfico de livros, trabalhos acadêmicos, periódicos e sítios.

Nesse primeiro levantamento mostrou-se importante a localização histórico-espacial das periferias paulistanas. Assim como da atuação cultural como ferramenta para melhoria de vida nessas localidades, buscando a contextualização dessas atividades em relações externas e de maior abrangência. Essa maneira de atuar localmente está em sintonia com a busca de alternativas e melhorias graduais, expressas em grandes encontros da chamada sociedade civil organizada.

Mapear o funcionamento dessas formas de governo locais esclarece os efeitos das discussões levantadas nos referidos encontros. Assim, compreender o discurso político desses mediadores e agitadores culturais em suas relações com financiadores e o Estado para buscar como elas funcionam, complementarmente, ao governo de Estado e sua atuação na região. Assim essas organizações estão inseridas nas favelas, chamadas de comunidades com alegada ausência de aparelhos estatais, anunciando um objetivo de promover a melhoria de vida aos moradores por meio da atividade e produção cultural.

O argumento encontrado nos estudos das periferias de São Paulo foi o de que, por sua tardia urbanização, historicamente a cidade se caracterizou pela dualidade centro-periferia em sua configuração territorial. A construção do discurso de alegada ausência do Estado teria origem em sua formação moderna,

na qual a alta taxa de migrantes e a falta de estrutura para comportar um aumento demográfico vertiginoso, fez com que se instalassem em meio ao centro urbano cortiços e habitações classificadas como irregulares, precárias e insalubres. Em meados da década de 1940, a Administração Pública em ação conjunta à iniciativa privada iniciou um processo de higienização e sanitário que visava à eliminação dessas construções — tidas como perigosas por pestes e doenças devido à falta de infraestrutura — em função da construção de habitações, que seriam realizadas de maneira adequada e salubre, nas periferias da cidade (Nascimento, 2007).

São nessas regiões periféricas, em ocupações classificadas como ilegais ou de aglomerados subnormais, que se instalam a maioria das favelas na cidade de São Paulo, negligenciadas pelo poder público e sempre retratadas como área de risco, com a falta de infraestrutura mínima para sobrevivência e um crescente discurso que consolida o abandono das periferias da cidade por políticas sociais de Estado. Em vista da dualidade geográfica-espacial que se estabeleceu na metrópole em meados do século XX, a periferia se caracterizou pela falta, perpetuada a se definir por tudo aquilo que as pessoas que vivem ali não possuem. Esse discurso objetiva justificar a criação hoje, nestas regiões da cidade, de formas de organização não governamentais e ditas autogestionárias, a fim de promover mediação entre governo e comunidade, promovendo a gestão pelas próprias pessoas do lugar. As organizações declaram-se como meios para conscientizar e informar os habitantes da comunidade — antes chamadas de favelas — sobre o descaso do governo para com eles. Nesse contexto, associações de moradores, ONG's e alguns projetos do governo visam formas de conter e cobrir o alegado esquecimento do Estado, e mais, por meio principalmente da produção e atividade cultural essas organizações civis visam encontrar meios de melhoria de vida das pessoas que vivem na favela.

Nessa direção, animados pela valorização da atuação da chamada sociedade civil organizada, formaram-se as organizações com a *Cooperifa* e a

1DaSul, que anunciam como objetivo o resgate do orgulho e dos sentimentos de pertencimento e dignidade de morar nessas localidades. Para isso, promovem atividades artístico-culturais e ações que estimulam a participação dos moradores, apontando para possíveis melhorias nas vidas dessas pessoas, além disso, apresentam-se a fim de atuar na possibilidade de inversão desse discurso, objetivando definir e caracterizar a periferia, hoje, pelo que ela tem e que propicia a sua diferenciação com o centro. Como indicado acima, o que antes era uma falta a ser combatida, torna-se uma possibilidade de diferencial de mercado, capitalizando as expressões culturais, construídas como típicas da periferia. Essa capitalização opera por uma crítica ao olhar que se tem dessas localidades e transforma os reclames, protestos e descrições de precariedade e violência de seus moradores em produto a ser comercializado, gerando empregos e, conseqüentemente, acesso inclusão por meio do acesso ao consumo de bens e serviços, muitas vezes oferecidos no interior da própria comunidade.

2.2 Resultados Preliminares

2.2.1 Alegada Carência

O discurso sobre a relativa carência de presença do Estado nas periferias de São Paulo perpetua a distinção geográfica-espacial entre periferia e centro da cidade. O pressuposto que orienta a produção dessa verdade é a dicotomia que fixa, na região central, a população abastada financeiramente e bem estruturada com os serviços públicos e equipamentos sociais de Estado e, de outro, trabalhadores com baixa renda mensal e moradores de regiões periféricas, distantes da atuação estatal em relação à infraestrutura e outros direitos básicos. Essa oposição opera de maneiras distintas e tem grande relevância tanto para quem mora na periferia quanto para quem não está inserido ali. A segregação espacial e de direitos aparece em diversos níveis, segundo Peçanha:

“especialmente em São Paulo, a oposição espacial centro-periferia sempre operou de forma bastante significativa para os atores sociais e acadêmicos, pois, historicamente, houve certa continuidade entre segregação espacial e de direitos na região metropolitana paulista, fazendo com que morar e ser da periferia significasse ao mesmo tempo ausência do Estado e de equipamentos urbanos. Deste modo, o termo periferia só pôde ser entendido em oposição ao centro e, mesmo depois dos anos 1990, com a produção de sucessivas centralidades (centro histórico, centro expandido a partir da Avenida Paulista e o núcleo da Avenida Berrini), persistiu uma idéia do espaço periférico como seu contrário, até porque os diferentes ciclos econômicos continuaram a empurrar os trabalhadores para as áreas mais distantes desses centros e menos providas de equipamentos públicos”. (Nascimento. *Revista Rua*. Campinas: Número 16 – Volume 2, Novembro 2010, p. 112).

Na tentativa de contribuir para a compreensão da dicotomia presente na geografia da cidade de São Paulo, a ONG *Observatório de Favelas* realizou o seminário "O que é a favela, afinal?", com apoio do BNDES e do Governo Federal, a fim de afirmar o debate sobre a diversidade das formas e das dinâmicas sociais, econômicas e culturais na compreensão do que é uma favela e, por conseguinte, na definição de parâmetros universais que orientem uma definição mais precisa para essas localidades.

O estudo sustenta que no processo de urbanização brasileiro, ao longo do processo de regulação da vida social estabelecido pelo Estado, os assentamentos em favelas, por suas características e por sua composição social tornaram-se o lugar da ilegalidade. Sob essa premissa seriam lugares que se estabelecem à margem da legalidade criada pelos grupos hegemônicos que exercem o poder político e econômico nas cidades.

Acredita-se então, sob essa ótica, que favela se constitui a partir dos seguintes pressupostos:

“Insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços; forte estigmatização sócio espacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade; níveis

elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho; edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado; apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia; indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade; ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental; grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade; alta densidade de habitações no território; taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade; relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de encontro; alta concentração de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira; grau de vitimização das pessoas, sobretudo a letal, acima da média da cidade”. (“O que é favela, afinal? “do Observatório das favelas; Caderno de textos. Seminário O que é favela, afinal? Versão eletrônica)³

O discurso de verdade construído em torno do que é a favela está de acordo com as grandes agências que atuam em prol dos direitos humanos como a ONU e seus programas que visam à erradicação da pobreza, a cidadania para todos, o acesso a uma cultura de respeito aos direitos humanos, o combate a discriminação racial e ao racismo, a acessibilidade à justiça, educação contra o machismo e condutas que promovam as práticas adequadas de segurança pública.

2.2.2 Conformidade com ONU e ligações externas

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é a agência líder da rede global de desenvolvimento da ONU e visa, principalmente, a erradicação da pobreza por meio de ações em favor do

³ Disponível em: http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/o_que_e_favela_livro.pdf. Acesso em: 04/03/2013.

desenvolvimento humano. O PNUD objetiva, em geral, ajudar as pessoas a construírem uma vida mais digna e nessa direção, desde 2000 compromete-se com a discussão em prol do alcance dos *Objetivos do Milênio*. Em sua atuação no Brasil, visa apoiar a implementação de políticas para fortalecer setores que considera críticos em relação ao desenvolvimento humano e ao fortalecimento do papel da sociedade civil, em especial, da iniciativa privado na busca do desenvolvimento humano e sustentável. Nesse sentido, políticas sociais que objetivam a governança democrática, segurança pública, e meio ambiente buscam uma gestão participativa da sociedade civil organizada em torno da exigência dos Direitos Humanos.

Os *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio* (ODM), agenda mínima em relação aos direitos humanos, norteiam o PNUD no Brasil. A partir de uma abordagem especial nas atividades e iniciativas ligadas às políticas sociais para áreas de carência, no que diz respeito à governança democrática, busca-se ampliar a participação da sociedade civil nos programas e projetos. Desde a assinatura da *Declaração do Milênio*, em 2000⁴, considera-se claro que não seria possível alcançar os ODM sem a participação do setor privado e da sociedade civil. Partindo dessa premissa, as duas maiores iniciativas da ONU junto ao setor privado são o *Pacto Global*⁵ e o *BCtA – Business Call to Action*⁶. (PNUD, Organização das Nações Unidas).

⁴ ONU. Declaração do Milênio. 2000, pp. 2. Disponível em: http://www.pucsp.br/ecopolitica/projetos_fluxos/doc_principais_ecopolitica/Declaracao_milenio_2000.pdf. Acessado em: 6/01/13

⁵ Disponível em: <http://www.pnud.org.br/>. Acesso em 11/01/13. O *Pacto Global* é uma iniciativa proposta pela *Organização das Nações Unidas* para animar empresas na adoção de políticas de responsabilidade social, corporativa e sustentável. Pretende promover um diálogo entre empresas, organizações das Nações Unidas, sindicatos, organizações não governamentais e demais parceiros para o desenvolvimento de **um mercado global mais inclusivo e sustentável**. Para que esse objetivo seja atendido, busca-se a mobilização da comunidade empresarial internacional por meio da adoção de dez princípios relacionados a direitos humanos, trabalho, meio ambiente e corrupção. Vale ressaltar que o Pacto Global, apesar de ter como propulsor as Nações Unidas, não é uma agência desse sistema e nem mesmo um instrumento regulador ou um código de conduta. O *Pacto Global* é um instrumento de livre adesão pelas empresas, sindicatos e organizações da sociedade civil. A entidade que adere ao pacto assume

O Pacto Global estimula as empresas a cumprirem seus deveres em relação aos Direitos Humanos e o BCtA estimula as empresas a serem proativas na inclusão das pessoas de menor renda no seu negócio, contribuindo, assim, para a aceleração no alcance dos ODM. Em vista do engajamento do setor privado a fim de desenvolvimento humano, o PNUD entende que a sociedade civil potencializa a rede de ação e a sustentabilidade das ações, bem como o maior engajamento dos cidadãos.

Como prioridade na defesa da igualdade em uma educação de qualidade e na promoção do desenvolvimento humano e social, os seus projetos se desdobram em parcerias com o governo, sociedade civil e iniciativa privada, além do auxílio na formulação de políticas que estejam em sintonia com as metas acordadas entre os Estados membros da organização. A principal missão da UNESCO no país se dá em direção da educação para a promoção de transformações sociais alinhadas aos valores universais de justiça, liberdade e dignidade humana. Por meio de programas, projetos e parcerias com o governo federal e abordando os temas de inclusão social, redução da pobreza e das desigualdades, juventude e prevenção da violência implementa-se a tentativa de enfrentar a desigualdade social por meio da forte influência da cultura para a configuração dessa realidade, bem como seu potencial de transformação social da realidade das periferias.

“Nesse sentido, a UNESCO elabora e promove a aplicação de instrumentos normativos no âmbito cultural, além de desenvolver atividades para a salvaguarda do patrimônio

voluntariamente o compromisso de implantar os dez princípios em suas atividades cotidianas e prestar contas à sociedade, com publicidade e transparência, dos progressos que está realizando no processo de implantação dos princípios mediante Comunicações de Progresso (COP). Essas comunicações devem ser feitas com o envio anual de um relatório elaborado pelas empresas.

⁶ A BCtA é uma iniciativa global ligada ao PNUD para reduzir a pobreza e promover um desenvolvimento econômico e social sustentável. “Os compromissos destas companhias demonstram que o setor privado é um forte parceiro na luta pela redução da pobreza e por um crescimento inclusivo”, afirmou Sigrid Kaag, Administradora Assistente do PNUD e Subsecretária-Geral Assistente da ONU. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=3654>. Acesso em: 06/03/2013.

cultural, a proteção e o estímulo à diversidade cultural, bem como o fomento ao pluralismo e ao diálogo entre as culturas e civilizações. Também colabora para a proteção e a promoção da diversidade cultural do país, em atividades de formação e elaboração de políticas culturais nas áreas do artesanato, das indústrias culturais e do turismo cultural, entre outras. Áreas como o artesanato tradicional, pequenas manufaturas, moda e design são estratégicas para o país, em vista de sua potencialidade em termos da melhoria das condições de vida das populações mais pobres. Elas podem trazer empoderamento individual e contribuir com a redução da pobreza”. (UNESCO⁷)

A Representação da UNESCO no Brasil, em parceria com a *London School of Economics* (LSE), e as *Fundações Itaú Cultural e Social*, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, o Afro Reggae e a CUFA, está conduzindo o projeto “Underground Sociabilities” para estudar formas de sociabilidade que continuam invisíveis e subterrâneas na esfera das sociedades convencionais. O principal objetivo da pesquisa é explorar os meios alternativos de integração e socialização que são desenvolvidos por comunidades que vivem em condições de extrema exclusão social e miséria.

Por meio de atividades artísticas, trabalham com comunidades classificadas como em situação de risco em um ambiente violento e desestruturado, onde se visa redefinir sociabilidades e identidades. Elas aproveitam as tradições artísticas e culturais presentes nas comunidades, conhecimentos e comportamentos locais, assim como bens sociais, para trabalhar a autoestima e recuperar o sentimento de valor próprio perdido em meio à carência dessas localidades.

O projeto trabalha com o conceito de sociabilidade na busca por sua descoberta nos cotidianos periféricos, que alegam estar geralmente ocultos pela segregação e exclusão social. Objetiva-se revelar a cultura periférica, tanto como expressão da identidade cultural quanto como um protesto indignado contra a alegada ausência do Estado e suas políticas sociais na região. Para isso, investe na formação de um *ethos* ligado à valores e costumes das comunidades próprias

⁷. Disponível em <http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/unesco> Acessado em 13/12/12.

dessas localidades periféricas. As comunidades e espaços periféricos em questão devem ser entendidos de maneira social, pois o termo periférico se constitui em relação ao centro do poder- periférico no sentido de “à parte”, de “segregação” social e não acesso a determinados bens econômicos, sociais e culturais. Segundo José Guilherme Magnani, “Há ainda uma visão propositiva, “segundo a qual ‘ser da periferia’ significa participar de um certo ethos que inclui tanto uma capacidade para enfrentar as duras condições de vida, quanto pertencer a redes de sociabilidade, a compartilhar certos gostos e valores”⁸.

2.2.3 Cultura Periférica e Hip Hop

Estigmatizada como um local carente de políticas de Estado, de governança democrática e de extrema violência, as periferias paulistanas começaram a ganhar espaço na mídia e a visibilidade de quem não está inserido ali em meados da década de 1990, quando artistas ligados ao Hip Hop juntaram produção cultural e engajamento político em suas letras. Suas aparições na mídia e suas ações sociais e passaram a produzir, coletivamente, discursos que perpassam e descrevem a realidade, o cotidiano, a linguagem e a conduta vivida na periferia. A partir de características identificadas com a marginalidade social, imprimiram em suas músicas, poesias e, posteriormente, na literatura, uma forma de atingir as pessoas que vivem sob as mesmas condições, propondo uma pauta de melhorias para esse lugar e dando visibilidade em relação ao valor cultural presente nessas regiões.

Com procedência na cultura negra dos guetos estadunidense, na década de 1970, e provenientes de uma cultura artística de guetos jamaicanos e latinos nos centros de Nova Iorque, o movimento do hip hop tinha quatro bases: a música, a dança, a poesia e a pintura. Essas comunidades sofriam da relativa

⁸⁸ Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_scp-daniela.pdf.

Acesso em: 06/03;2013

ausência dos instrumentos estatais e usavam a cultura e a arte como meio de representar essa realidade.

No Brasil, surgiu no centro de São Paulo em meados de 1980, com nomes importantes como Thaíde, Dj Hum e Rappin Hood e a organização das chamadas *Posses*, após desentendimentos com autoridades e polícia pelo uso do espaço dos metrô. As reuniões de diversos grupos da mesma região tinham o intuito de integrar e estimular as vertentes culturais, sociais e políticas do movimento do hip hop junto às comunidades que pertenciam. De Janeiro de 1989 a Janeiro de 1993, assumiram secretarias importantes na gestão de Luísa Erundina como prefeita de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores, os professores universitários Marilena Chauí, na Secretaria da Cultura, e Paulo Freire, na Secretaria de Educação. A partir dos projetos elaborados nessas duas pastas municipais, o chamado movimento hip hop se expandiu em diversas ações educativas nas periferias. Os principais programas foram o *Rap nas Escolas* e o *Repensando a Educação*. Com isso, a primeira revista de hip hop nacional – *Pode Crê!*, com o apoio da ONG *Mulheres Negras Geledés* – foi lançada em 1992 e esse impulso gerou a formação de diversos grupos musicais⁹. (Portal raízes, 2009)

Portanto, ao mesmo tempo em que essa estetização do espaço e cotidiano periféricos resultou em um discurso homogeneizante sobre práticas e problemas sociais, também traduz certo *ethos* formado em torno do hip-hop. Neste, ser da periferia significa participar de um universo único em que se incluem tanto a capacidade de enfrentar os decorrentes problemas sociais de quem vive ali, quanto pertencer a uma rede de sociabilidade em que se compartilham valores e costumes. Assim, o início dos anos 1990 foi marcado pela consciência e conduta com os quais participantes dos movimentos das respectivas comunidades deveriam se comprometer em favor dos problemas

⁹ Disponível em: www.portalraizes.org Acesso em: 22/10/12.

enfrentados pelas populações alegadas carentes de relativos recursos públicos. Como movimento social, político e cultural, são grupos com uma identidade comum, unidas por ideais de melhoria social, além de sua atuação no sentido de resgatar valores e símbolos que caracterizem a periferia pelo que ela tem, diferente do discurso em relação à ausência do Estado e de outros elementos socioculturais com significação relativa ao pertencimento e à inclusão na sociedade.

Essa comunicação, que se diz em direção oposta ao domínio da elite e contra a cultura reservada a uma parcela privilegiada da população acaba por relatar a realidade das periferias tanto para quem vive dentro dela quanto para quem ali não se insere. O foco da narrativa agora se desloca para a periferia que se constitui como fator central na produção artístico-cultural e política. A despeito da dicotomia territorial e relacional dos primeiros estudos urbanos, é na produção de uma cultura identitária e voltada para as demandas de carência na melhoria de vida dos cidadãos, que se coloca a periferia no centro. No centro dos investimentos de negócios sociais, no centro dos programas da ONU, via PNUD e UNESCO. Nessa inclusão diferencial, dissolve-se a dicotomia dos estudos urbanos para fazer com que as pessoas se sintam felizes na favela em que nasceram.

Com a análise da pesquisa de mestrado de Érica Peçanha do Nascimento, *Vozes Marginais da Literatura em São Paulo*, é possível mapear o aparecimento de uma cena cultural nas periferias que está diretamente ligada às intervenções literárias e políticas de escritores identificados com a chamada literatura marginal ou periférica. Foi a partir dela que se potencializou a articulação de novos artistas que tomam a periferia como mote para elaborações estéticas ou para uma atuação político-cultural. Um segundo momento desse investimento cultural, iniciado a partir e por meio da cultura hip-hop.

Um dos argumentos desenvolvidos na referida pesquisa é que tais escritores estão orientados pelo projeto intelectual comum de “dar voz” ao seu

grupo social de origem por meio de relatos dos problemas que os atingem diariamente em textos literários. Procuram conferir, com isso, uma nova significação à periferia, por meio da valorização da “cultura” de tal espaço. Esta noção de cultura da periferia englobaria tanto à ideia de um conjunto simbólico próprio dos membros das camadas populares que habitam em bairros da periferia urbana quanto a alguns produtos e movimentos artístico-culturais por eles protagonizados.

A cultura da periferia seria, então, a junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas dos membros das classes populares situados nos bairros tidos como periféricos. E dela ainda fazem parte manifestações artísticas específicas, como as expressões do hip hop (break, rap e grafite) e a literatura marginal-periférica, que reproduziam tal cultura no plano artístico não apenas por retratarem suas singularidades, mas por serem resultados da manipulação dos códigos culturais periféricos (como a linguagem com regras próprias de concordância verbal e uso do plural, as gírias específicas, os neologismos, etc.). (Nascimento, 2010: 8)

A noção de cultura da periferia pode ser vista como um conjunto de produções simbólicas e materiais que é produzido e reproduzido constantemente, por meio do qual se organizam formas de sociabilidades, modos de sentir e pensar o mundo, valores, identidades, práticas sociais e comportamentos coletivos que caracterizam o estilo de vida dos membros das classes populares que habitam bairros periféricos e compartilham desse *ethos* periférico. Um conjunto de práticas e conhecimentos que configuram uma conduta específica ao mesmo tempo que a propagam pela produção cultural.

2.2.4 Pela dignidade e união da periferia

Para além do Hip Hop, a emergência do movimento de literatura marginal dos escritores da periferia tomou forma, em grande parte, a partir do lançamento de três edições especiais da revista *Caros Amigos/Literatura Marginal*:

a cultura da periferia, organizadas pelo escritor Ferréz nos anos de 2001, 2002 e 2004. O agitador cultural reuniu no total 48 autores, em geral residentes em São Paulo, e 80 textos — entre crônicas, contos, poemas e letras de rap. Esses três números especiais levaram ao leitor, por meio dos editoriais, textos e pequenos históricos dos participantes, a um novo conjunto de autores brasileiros que estava se apropriando do termo marginal para classificar a sua condição de escritor ou a sua produção. Trata-se de escritores e ao mesmo tempo moradores das periferias, para os quais a associação do termo marginal à literatura remete, diretamente, à situação de marginalidade social, política ou jurídica vivenciada pelos seus autores. Ao mesmo tempo, a uma produção artístico-cultural que visa expressar o que é intrínseco aos espaços e sujeitos tidos como marginais, especialmente com relação à periferia e sua alegada carência.

A pesquisa de Peçanha direciona o pensamento para o fato de que esses artistas periféricos se constituíram como sujeitos políticos, ou seja, cidadãos responsáveis pelas demandas dos habitantes das ditas comunidades carentes. E, para além dessa definição, suas iniciativas de ação cultural resultaram em formas específicas de produção, consumo e circulação das produções culturais nas periferias — por meio de publicações coletivas de livros, saraus e bibliotecas comunitárias. Fomentou discursos, demandas e práticas coletivas da sociedade civil organizada que se relacionam com as esferas político-sociais no que diz respeito à infraestrutura e condições básicas de vida, como saúde e educação, para assim transformar essas localidades em benefício da população que ali vive.

Finalmente, a periferia e sua cultura particular, intermediada por artistas periféricos, remetem às relações entre cultura e política tanto no que diz respeito a formulações de movimentos sociais, quanto sua ampliação para a

produção artístico-cultural¹⁰. Pois, dessa forma, considera-se que os artistas da periferia estão construindo uma atuação político-cultural que se volta, necessariamente, para o incentivo à produção e consumo de bens culturais e, assim, se colocam como porta-vozes dos moradores da periferia no plano político-cultural.

Peçanha aponta em seu trabalho de mestrado ações dos escritores periféricos que objetivam estimular a produção, o consumo e a circulação de produtos culturais nas periferias paulistanas. Exemplos disto são o autodenominado movimento cultural *1daSul* (“Somos todos um pela dignidade da Zona Sul). O ativista criou a marca de roupas especialmente voltada para pessoas da periferia, ali idealizada, produzida e vendida. Dita autogestionária — tanto por ter a intenção de dividir o lucro com os funcionários, até o fato da linha de produção e consumo se dar estritamente na periferia —, o uso do trabalho local para potencializar e articular a mão de obra nas comunidades com o objetivo de criar uma unidade no bairro onde moram, Capão Redondo, se dá como uma forma de produção do empreendedorismo social, uma vez que o sujeito que se diz marginalizado pela sociedade encontra mais que a oportunidade, o direito de produção e consumo de dinâmica liberal.

A fim de se juntarem em resposta a violência creditada à região e, além, fazer com que os moradores tenham orgulho e desejem transformar o lugar que vivem em um ambiente menos violento e mais aberto à esperança de mudanças. O símbolo da *1DaSul*, presente nos artigos da marca, tem a proposta de os moradores da região abandonarem marcas usuais sem representatividade da periferia, símbolos da exploração e das altas camadas da sociedade, para fazer uso de algo que se identifique com a periferia como o símbolo da preservação da cultura dessa parte da população. Com a união em torno desse símbolo, o

¹⁰ NASCIMENTO, Érica Peçanha. **A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate**. Revista Rua número 16, 2010. p. 122. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/ruateste/pages/pdf/16-2/7-16-2.pdf>. Acesso em: 06/03/2013

sentimento de orgulho e de pertencimento se fortalece em cada cidadão da comunidade, reforçando a luta por um lugar melhor para se viver, com dignidade, cidadania e responsabilidade.

Ferréz explica: “Nós, brasileiros descendentes de escravos e índios, nunca tivemos um símbolo de nossa linhagem. O logotipo da 1daSul — forma de fênix e com o número 1 em destaque — é uma forma de termos nosso próprio brasão e ele tem esse sentido de juntar a periferia. O brasão tem sentido de unidade e traz a ideia de um povo que se une para lutar pela preservação da sua cultura”¹¹ (Ferréz, 2011). Do ponto de vista cultural, por meio de blogs, livros e saraus, Ferréz retrata a periferia como produtora de sua própria verdade, chamando a atenção para o distanciamento das autoridades da realidade dos moradores das comunidades e para o fato de como a *1daSul* atua como fator de mediação da relação conflituosa entre periferia e Estado, internalizando o processo lento que determina a evolução das periferias de São Paulo em seus caminhos descontínuos e tortuosos em meio as favelas paulistanas.

Por meio do patrocínio de quermesses, festas comunitárias, shows de hip-hop, além de oficinas e palestras literárias e da ajuda para manter projetos sociais na Zona Sul de São Paulo, o autor acredita levar a cultura para dentro das comunidades, resgatando o início do movimento literário, por meio de folhetins e panfletos em prol de protestos. Em contrapartida à elitização da literatura ao longo da história, a literatura marginal, segundo Ferréz, serve como ferramenta para mudar essas localidades e torna-se de extrema importância provar que esses lugares têm valor, têm a sua história. Até hoje ela foi contada pela elite — do dominante para o dominado —, pois o operariado, o povo da periferia não tem recurso para registrar a própria história e não tem espaço na história contada por quem a escreveu. O povo da periferia não tem

¹¹ Disponível em: www.ferrez.blogspot.com.br. Acessado em: 18/09/12

seus símbolos e signos criados, não tem sua história estabelecida, e a *1DaSul* atua nesse sentido. Para ele, a cultura pode ser um antídoto para violência se for direcionada, ou seja, a informação e o embasamento necessários para a continuidade da educação a fim de atuar em sentido contrário à exploração, a favor da igualdade.

No sentido de incentivar os moradores da periferia na erradicação da pobreza e violência, Ferréz utilizou as ferramentas político-culturais ligadas ao Hip Hop na criação do *Estúdio 1daSul*. Em parceria com o rapper e produtor Maurício TDS — e também com outros artistas desse meio musical, como o rapper Eduardo, do grupo Fação Central — o estúdio transparece uma conquista para a comunidade da Zona Sul e foi criado sob o preceito de que para a favela deve-se produzir o que há de melhor. Com o objetivo de dar segmento à cultura na periferia, o estímulo na produção de músicas das bandas na região se dá por meio de descontos e assessoria completa para os grupos que desejem uma gravação. “Só pelo fato de não ter que atravessar a ponte que separa a zona sul do centro da cidade já é uma grande facilidade. Mas, também fizemos na periferia porque a periferia estava precisando de um estúdio”, diz Maurício¹².

Em continuidade ao projeto de revistas especiais em torno da Literatura Marginal com a revista Caros Amigos formou-se a Editora Selo Povo, também idealizada pelo rapper e escritor Ferréz. Com o objetivo de vender livros a preços populares como meio de estimular a continuidade na educação dos habitantes da periferia, a editora atua oferecendo formas de cultivar o chamado senso crítico e a dúvida em seus leitores. Para isso, conta com o apoio de autores renomados nesse meio, como o poeta e agitador cultural Sergio Vaz.

Vaz criou o Sarau da Cooperifa em 2001, desde então realizado semanalmente em Taboão da Serra, periferia da zona sul da cidade de São

¹² Disponível em: <http://1dasulestudio.blogspot.com.br/>. Acesso em: 22/10/12

Paulo. O sarau deu origem a Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), uma ONG que atua especialmente na esfera político-cultural, por meio de sessões de cinema, eventos ligados à literatura e à promoção e defesa dos direitos humanos na contribuição com a erradicação da pobreza e falta de estrutura social nas periferias, no sentido da educação e produção cultural.

Seu criador argumenta que a má administração pública é responsável pela ausência da cultura na periferia: “Já não podemos esperar mais nada desses engravatados (políticos). Até prefiro assim. Saindo das minhas mãos, garanto que será bem feito”¹³ (Sérgio Vaz, em entrevista). O movimento se diz autogestionário em sua organização política, levando à periferia o que historicamente foi visto como artes de elite, promovendo, dessa forma, a luta pela autoestima e sentimento de pertencimento do povo da periferia em prol da transformação dessas localidades. O sarau é produzido pela periferia e consumido pela periferia, apesar de se dizer aberto para quem quiser conhecer e participar. O conceito de autogestão aparece, mais uma vez, como meio de expressar a necessidade de afirmação da dinâmica produção-consumo integralmente direcionada às regiões alegadas carentes.

Essa iniciativa periférica deu origem a diversos saraus em torno da cidade de São Paulo (Ver Anexo 1), e uma delas em especial reuniu-se em uma mostra cultural coletiva, em novembro de 2007, intitulada Semana de Arte Moderna da Periferia. Promovida pela Cooperifa oitenta e cinco anos depois dos eventos que marcariam a história cultural brasileira com a Semana da Arte Moderna de 1922, a Semana de 2007, segundo seus organizadores, contou com a participação de cerca de 300 artistas e coletivos das áreas de literatura, teatro, dança, música e cinema. A ação cultural mostrou ser mais do que uma referência à Semana de 1922, pois se tratava de um contraponto a vários

¹³ Disponível em: <http://www.casperlibero.edu.br/noticias/index.php/1969/12/31/sergio-vaz-criador-da-cooperifa,n=3966.html>. Acesso em 25/10/12.

momentos do modernismo brasileiro que se manifestou desde a escolha do título do evento, a paródia ao cartaz da semana modernista, na apropriação do conceito de antropofagia, até a publicação do “Manifesto da Antropofagia Periférica”:

“A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula. Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar. Do teatro que não vem do "ter ou não ter...". Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira. Da Dança que desafoga no lago dos cisnes. Da Música que não embala os adormecidos. Da Literatura das ruas despertando nas calçadas. A Periferia unida, no centro de todas as coisas. Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala. É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução. Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona. Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural. Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? "Me ame pra nós!". Contra os carrascos e as vítimas do sistema. Contra os covardes e eruditos de aquário. Contra o artista serviçal escravo da vaidade. Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!”(VAZ. Manifesto da Antropofagia Periférica. In: Cooperifa: Antopofagia Periférica. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2008)

Sérgio Vaz não parece procurar uma identidade nacional assim como fez Oswald em O Manifesto Antropófago, publicado em maio de 1928 na Revista de Antropofagia. O que o poeta periférico busca parece ser literatura que cumpra objetivos a favor do Brasil, porém “A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura”, ou seja, não mais como um panorama geral do país, mas sim como a procura por igualdade de voz entre todos os cidadãos Produzida como uma literatura de resistência que compactue, principalmente, com os marginalizados nos grandes centros do país Vaz faz um movimento contra a elitização da literatura, contra a injusta e praticamente exclusiva apropriação de capital tanto financeiro quanto cultural em relação ao povo brasileiro. (Nascimento, 2010).

Nesse sentido, Ferréz publicou o artigo intitulado “Terrorismo Literário” como abertura para a série Literatura Marginal em parceria com a revista Caros Amigos, no qual deixa claro como essa forma de literatura enquadra a relação do homem com o mundo exterior, e é nessa relação que o escritor marginalizado procura espaço, procura ser parte de uma mudança estrutural. Dessa forma, a atividade político-cultural constrói socialmente a prática comunitária e o exercício de proporcionar educação e viabilidade nos discursos da alegada carência no que diz respeito aos recursos públicos para essas populações, de forma a serem ouvidas.

“A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós/ Não somos movimento, não somos os novos, não somos nada, nem pobres, porque pobre segundo os poetas da rua, é quem não tem as coisas/Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca! Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve/ Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é

só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto/ A própria linguagem margeando e não os da margem, marginalizando e não os marginalizados, rocha na areia do capitalismo.

Somos o contra sua opinião, não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação, na verdade tudo vai continuar, muitos querendo ou não. Um dia a chama capitalista fez mal a nossos avós, agora faz mal a nossos pais e no futuro vai fazer a nossos filhos, o ideal é mudar a fita, quebrar o ciclo da mentira dos “direitos iguais”, da farsa dos “todos são livres” agente sabe que não é assim, vivemos isso nas ruas, sob os olhares dos novos capitães do mato, policiais que são pagos para nos lembrar que somos classificados por três letras classes: C,D,E/Literatura de rua com sentido sim, com um princípio sim, e com um ideal sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte/O jogo é objetivo, compre, ostente, e tenha minutos de felicidade, seja igual ao melhor, use o que ele usa.

Somos mais, somos aquele que faz a cultura, falem que não somos marginais, nos tirem o pouco que sobrou, até o nome, já não escolhemos o sobrenome, deixamos para os donos da casa grande escolher por nós, deixamos eles marcarem nossas peles, porque teríamos espaço para um movimento literário? Sabe duma coisa, o mais louco é que não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nós arrombamos a porta e entramos/Outra coisa também é certa, mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo que prove que um dia a classe menos beneficiada com o dinheiro fez arte.

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais 500 anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria/Com a revista Caros Amigos, edições especiais chamadas Caros amigos/literatura marginal ao qual a Casa Amarela desde o principio acreditou e apoiou, a forma agora chega em livro/Mas como sempre todos falam tudo e não dizem nada, vamos dar uma explicada: A revista é feita para e por pessoas que foram postas a margem da sociedade/Ganhamos até prêmios, como o da A.P.C.A.(Academia Paulista de Críticos de Arte) melhor projeto especial do ano.

A Literatura Marginal sempre é bom frisar é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou sócio-econômicas. Literatura feita a margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja os de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom isso fica para os estudiosos, o que agente faz é tentar explicar, mas agente fica na tentativa, pois aqui não reina nem o começo da verdade absoluta. Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos taxar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos.

O barato já tá separado a muito tempo, só que do lado de cá ninguém deu um gritão, ninguém chegou com a nossa parte, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do cá mal terminamos o ensino dito básico.

Sabe o que é mais louco, nesse país você tem que sofrer boicote de tudo que é lado, mas nunca pode fazer o seu, o seu é errado, por mais que você tenha sofrido você tem que fazer por todos, principalmente pela classe que quase conseguiu te matar, fazendo você nascer na favela e te dando a miséria como herança/Afinal um dia o povo ia ter que se valorizar, então é nós nas linhas da cultura, chegando de vagar, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com hipocrisia alheia, bom vamos deixar de ladainha e na bola de meia tocar o barco.

Boa leitura, e muita paz se você merece-la, se não bem vindo à guerra". (FERRÉZ. Literatura Marginal, 2001).

Assim, a Literatura Marginal se diferencia tanto pela sua estética de escrita, mantendo gírias, usos e costumes que pertencem ao ethos de quem habita localidades alegadas carentes, como por tratar e retratar frequentemente em suas temáticas a realidade das periferias paulistanas. Perpetrar formas e estilos diferenciados e próprios da periferia faz das atividades artístico-sociais um celeiro diferenciado que cria usos e costumes, gírias e linguagens que ganham a forma e conteúdo ao atingir todos os níveis sociais. Mesmo que afastada da região central, a periferia está inserida em atividades político-culturais e mais, formando cidadãos interessados em reivindicar pela dignidade e orgulho de morar nessas localidades, longe do que se propõe atualmente, diz

Ferréz: “Na periferia as pessoas leem e assistem o que não está relacionado à realidade delas, a Literatura Marginal e a atividade cultural da 1daSul objetivam mudar esse contexto proposto e abandonado pelas autoridades”¹⁴

2.2.5 Produção da Cultura Periférica

Em um primeiro momento entendem-se, como pressupostos, as atividades político-culturais promovidas nas periferias de São Paulo como um movimento de protesto em relação ao abandono das autoridades nessas localidades. Desta forma, os agitadores culturais vão se constituindo como mediadores na promoção de ferramentas de educação e acessibilidade em prol dos Direitos Humanos.

Sob o discurso dos agitadores culturais em suas manifestações, percebe-se que as referidas organizações funcionam como formas de promover e suprir a falta e necessidade de infraestrutura e políticas sociais nessas localidades. Porém, percebe-se que os movimentos político-culturais ligados à alegada carência nessas regiões estão em conformidade estrita ao discurso das autoridades em grandes programas humanitários da própria ONU e suas extensões, como o referido PNUD, a UNESCO e o *Underground Sociabilities*.

As autoridades municipais locais se encontram de acordo com as agendas de metas em relação à erradicação da pobreza, igualdade social e Direitos Humanos. Segundo minuta¹⁵ do projeto de Lei Municipal — decretado

¹⁴ Disponível em: <http://1dasul.blogspot.com.br/>. Acesso em: 26/09/12.

¹⁵ Plano Diretor Estratégico. LEI Nº 13.430, de 13 de Setembro de 2002 (Projeto de Lei nº 290/02, do Executivo). Título II - Das políticas públicas: objetivos, diretrizes e ações estratégicas. Capítulo I - Do desenvolvimento Econômico e Social, Artigo 15 e Artigo 80 de Políticas e Desenvolvimento habitacional.

e promulgado pela então Prefeita do Município de São Paulo, em 23 de Agosto de 2002, Marta Suplicy —, as prioridades da política habitacional são as seguintes: moradia como direito social, prioridade para baixa renda, articulação da política habitacional com a política urbana, participação popular e controle social, estímulo à autogestão, respeito ao meio ambiente, diversidade de projetos e programas, descentralização, subsídios para baixa renda e criação de novas fontes de recursos — todas, historicamente, submetidas ao interesse da especulação imobiliária em meio à relação tortuosa da delegação da administração desses espaços públicos à empresas privadas.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica e o esgotamento das ligações das atividades culturais na periferia expuseram políticas de gestão sociocultural ligadas ao resgate dessas áreas por meios artísticos. Outro exemplo é a Lei Rouanet (Lei de Incentivo à Cultura nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991) e o recente trâmite do *Vale Cultura*. “A periferia está fazendo toda a diferença para a cultura brasileira, e não é só em São Paulo, mas no Brasil inteiro”. Com estas palavras, Roberto Nascimento, então secretário de Incentivo e Fomento à Cultura do Ministério da Cultura, iniciou sua apresentação na abertura da II Mostra Cultural da Cooperifa, no CEU Campo Limpo, em São Paulo, no ano de 2009.

A mesa que debateu o tema “O que a reforma da Lei Rouanet tem a ver com os movimentos culturais das periferias?” contou, entre outros, com o deputado estadual pelo PSOL/SP Carlos Giannazi e com o secretário do Minc. Nas exposições, coube explicar o que pretende a reforma da Lei Rouanet e como ela pode promover o acesso ao financiamento cultural chegue mais aos movimentos, produções e projetos das organizações na periferia.

Nessa época, o levantamento feito pelo Minc revelou que a lei criada para qualificar e ampliar o acesso aos recursos, financiar todas as dimensões da cultura brasileira, em todas as regiões do Brasil estava longe de seu objetivo, “pois 92% da população continuavam sem nunca ter ido a um museu ou a uma

exposição de arte e 78% nunca foram assistir a um espetáculo de dança”, afirma o secretário¹⁶.

Uma das propostas da reforma é justamente transformar o Fundo Nacional de Cultura (FNC) como fator principal no processo de financiamento à cultura. Um dos maiores problemas, de acordo com Nascimento, é que na forma como a lei funciona hoje, o FNC permite apenas a doação de 80% do valor de um projeto e na nova proposta da lei o fundo passaria a fazer empréstimos, poderia ser parceiro ou sócio de projetos culturais e fazer repasse para fundos municipais e estaduais.

Principalmente, Giannazi focou suas palavras na democratização do acesso ao financiamento para atender a grande demanda de artistas e produtores excluídos. Grande divulgador do projeto da Cooperifa em São Paulo, o PSOL, em conjunto com os movimentos de cultura da periferia alega que se faz necessário inverter as prioridades nas cidades fazendo da periferia o centro. “A Cooperifa tem dado uma grande contribuição nesse sentido, organizando e politizando os artistas da periferia paulista para que eles também reivindiquem seus direitos, que nada mais são do que direitos de cidadão”¹⁷.

A reforma visa, em geral, democratizar o acesso à cultura e regionalizar os recursos públicos, dessa maneira o secretário do Ministério finalizou sua participação insistindo na força da Sociedade Civil Organizada: “Nós estamos tentando fazer algo que é muito complicado e difícil, que é mudar a legislação. Mas acho também fundamental uma mudança no comportamento da sociedade. O futuro é de responsabilidade de todos nós. É fundamental que se mantenha esse tipo de mobilização para a realização de encontros e seminários como o de hoje ”¹⁸

¹⁶ Disponível em: <http://www.blogacesso.com.br/?p=1719>. Acesso em: 12/12/12

¹⁷ Idem.

¹⁸ Disponível em: <http://www.blogacesso.com.br/?p=1719>. Acesso em: 13/12/12.

Nesse sentido, o setor privado promove ações culturais a fim, dentre outras coisas, de promover sua marca como financiadora de projetos culturais ligados a populações de alegada carência e garantir, de acordo com a Lei, renúncias fiscais que podem chegar a 100%. O levantamento de ligações externas, especialmente das referidas organizações periféricas, revelou que o Itaú Cultural se apresenta como um grande parceiro das atividades e produções culturais nas referidas organizações periféricas, além de despertarem o interesse de autoridades específicas.

O *Programa Rumos*¹⁹, principal meio de apoio do Itaú Cultural à cultura brasileira tem como um de seus objetivos valorizar a diversidade brasileira e estimular, onde se fazem necessárias, a criatividade e a reflexão sobre a cultura em nosso país. Já o programa *Conexões Itaú Cultural* contempla um mapeamento inédito da presença da literatura brasileira no mundo, seja na mídia, na pesquisa universitária ou no mercado editorial, além de realizar encontros de pesquisadores que trabalham com literatura brasileira no Brasil e no exterior. O projeto surgiu a partir da constatação de que, desde a Feira de Frankfurt, na Alemanha, em 1994, e a Feira de Guadalajara, México, em 2001, há um aumento no interesse na literatura brasileira²⁰.

Os objetivos gerais do *Conexões Itaú Cultural* são mapear e identificar o perfil de estudos de literatura e cultura brasileiras, a fim de que a médio e a longo prazo esse mapeamento vá gerar um conjunto de informações que acredita-se trazer uma percepção mais apurada da presença da literatura brasileira mundo. Além disso, o mapeamento deve colaborar para que escritores, gestores públicos, editores e produtores culturais identifiquem políticas culturais e tendências de interesse para o conhecimento, entendimento

¹⁹ Disponível em: <http://novo.itaucultural.org.br/conheca/programa-rumos/>. Acesso em: 02/03/2013

²⁰ Disponível em: <http://conexoesitaucultural.org.br/>. Acesso em: 16/01/12.

e fortalecimento da literatura e, por consequência, da cultura brasileira e do país.

No sentido de incentivar a cultura, o *Vale Cultura* revela-se como um benefício que será destinado a todos os trabalhadores que ganham até cinco salários mínimos, com o objetivo de garantir meios de acesso e participação nas diversas atividades culturais desenvolvidas no Brasil. Na prática torna-se parecido com o vale-transporte ou o vale-refeição, pois, em posse de um cartão magnético com um vale mensal de R\$ 50, que complementarará seu salário, poderá utilizá-lo para entrar em teatros, cinemas, comprar livros, CDs e consumir outros produtos culturais. A implementação de programas como o Vale Cultura tem dois objetivos claros, segundo o atual secretário de Fomento e Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura, Henilton Parente de Menezes: “Primeiro, fortalecer o mercado consumidor de bens e serviços criativos e, segundo, contribui para a formação de cidadãos apreciadores e consumidores de cultura”²¹.

O Projeto de Lei que institui o benefício está na Câmara dos Deputados aguardando aprovação final, após o recebimento de emendas dos parlamentares do Congresso Nacional. Após o trâmite, será enviado à sanção presidencial e publicação. Isto feito, o programa deverá ser regulamentado em 60 dias. O Vale Cultura reforça o conjunto de políticas sociais destinadas às demandas das autoridades de gestão social e, por consequência, encontra-se de acordo com os referidos fóruns mundiais em prol dos Direitos Humanos e dos investimentos do setor privado em favor do sistema capitalista. Assim, o discurso de resistência e mediação de ferramentas do estado em localidades de alegada ausência relativa do Estado está, na verdade, em conformidade com os discursos das autoridades e do setor privado.

²¹ Disponível: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/iniciativas/vale-cultura>. Acesso em: 15/01/13.

3. Inquietações

Após o levantamento inicial com relação à produção cultural na periferia, com o fim de resgatar o orgulho, a dignidade e o pertencimento de morar nessas localidades e sobre a qual se construiu um alegado discurso de relativa ausência de recursos estatais — no que diz respeito à infraestrutura básica, saúde, educação, acesso e segurança — algumas inquietações seguem e com base nelas pretende-se o desenvolvimento da pesquisa.

Em um primeiro momento se estabeleceu a dualidade centro-periferia e a construção de alegada carência e necessidade de recursos tanto por quem mora ali dentro quanto por aqueles que enxergam essa necessidade no setor privado e estatal. Esse discurso tomou forma e conteúdo principalmente nos anos 1990 por meio de atividades e produções político-culturais que visam, até hoje, dar voz aos problemas que encaram na realidade das localidades periféricas e mais, promover a mediação entre Estado e Sociedade Civil Organizada no que diz respeito ao acesso à cultura e a cidadania. A formação de um *ethos* da periferia sobre o qual apenas quem mora ali compartilha fez com que essa localidade ganhasse movimentação e atividade da sociedade civil organizada.

Para isso, revelou-se a emergência do Hip Hop e posteriormente de uma cultura periférica com base na literatura e na música ligada, estritamente, ao resgate do orgulho e do sentimento de morar na periferia. Atividades culturais ligadas à transformação por meio da cultura expuseram a conformação de um conceito de cultura periférica, cujo mote se dá em torno da ideia de se produzir e consumir o que se produz nessas localidades pela sua própria população. O que os agitadores culturais entendem e nomeiam como autogestão, mas que a pesquisa localizou, inicialmente, como um correlato ao que se entende por sustentabilidade econômica e social. Uma distinção a ser melhor elaborada na próxima etapa da pesquisa.

“Sob o discurso da inclusão social e diminuição de desigualdades, essa nova concepção de atividade cultural pretende diluir a cultura popular, de elite e de massa para assim caracterizar variadas formas de capitalização dessas atividades e propiciar a atividade fragmentada de diversas organizações e associações vinculadas ao governo e a empresas” (Passetti, 2012)

O sentido de *Antropofagia Periférica*, citada por Vaz, no qual uma literatura voltada para a realidade da periferia com seus usos e costumes torna a oralidade importante na dinâmica de promoção de uma cultura e um *ethos* periférico, mostra-se como outro levantamento inicial a ser desdobrado. Segundo Vaz, “a oralidade se tornou importante, se fazia a gentileza de fazer poesia e pelo silêncio e aplausos se retribuía, para percepção física do prazer de saber ler e escrever”²². Quem sabe ler e escrever exerce seus direitos de cidadão, assim, a poesia aparece com função física e social que age sobre a vida real das pessoas, desestigmatizando a literatura como algo de elite em que se fala de coisas distantes do que se vive ali, educados e inerentes a um sentimento de cidadania.

No mesmo sentido, Ferréz aponta a autogestão como o princípio do seu movimento na direção de que quem participa é morador do distrito do Capão Redondo tanto em produção, consumo e participação. Para além, essas conceituações instigam novas pesquisas, assim como expor analiticamente e de uma perspectiva histórica, os conceitos de cultura e autogestão trabalhados por essas organizações, já que até aqui entende-se autogestão para essas organizações como a capacidade de se sustentar a si e ao negócio social.

Nos dias atuais, práticas locais de comunidades periféricas interligam-se a ações em direção à diminuição das desigualdades e da produção cultural como meio do resgate do orgulho de pertencer à essas localidades. As

²² Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=PKZ9TO_YCnM. Documentário em parceria com Itaú Cultural, projeto Jogo de Idéias.

organizações e associações usam termos como autogestão e experiência educativa sem que se aproximem de qualquer tipo de exercício de libertação e, nesse sentido, anunciam a adequação de uma nova política social de ação local que moldam práticas para a produção de condutas.

A *1daSul* e a *Cooperifa* são exemplos disso, uma vez que integram movimentos sociais e, coletivamente, partilham de uma racionalidade de mercado que produz histórias individuais de vitória na produção do capital humano em empreendimentos sociais. A combinação da ação social e do empreendedorismo sugere uma espécie de emancipação humana que se mascara sob a forma de investimentos sustentáveis na condição de vida das pessoas e do ambiente em que vivem. As parcerias, apoios e compartilhamentos nas ações sociais que estão em conformidade com programas da ONU como o PNUD e a UNESCO perdem seu caráter de enfrentamento homogêneo no interior dessas novas práticas, sendo que práticas de resistência acabam por serem inibidas pela possibilidade infundável de melhoria nessas localidades. (Acácio Augusto, 2012)

Para além, expor as ligações do Hip Hop e da posterior cultura periférica como meio para formação de um ethos periférico (Magnani, 2006: 39) aparecem como referências na conceituação de sociabilidades pelo programa de extensão da UNESCO no Brasil geram inquietações e necessidade de levantamento bibliográfico e referidas sistematizações. Destaca-se nesse momento a necessidade de levar a fundo a inversão do discurso de verdade relativo à periferia e aos seus moradores. Visto que historicamente essas localidades se caracterizam pelos critérios de falta, as organizações aqui estudadas anunciam a necessidade e a possibilidade de se definir e diferenciar aquelas pessoas, hoje, pelo que têm e que o centro não pode alcançar — pois se dá como algo próprio da cultura dessas regiões.

Faz-se necessário, da mesma maneira, um estudo sobre a Indústria Criativa no Brasil e suas implicações sócio-políticas no que diz respeito às

políticas em função das referidas localidades de relativa carência, assim como uma melhor definição do que vem a ser o *ethos* proeminente nessas localidades. Busca-se a relação entre capital humano e produção de sujeitos empreendedores de si. Assim, pode-se chegar a questões acerca das práticas de resistências na sociedade de controle.

4. Plano de Trabalho

Nos primeiros três e quatro meses de pesquisas desse segundo semestre, o principal enfoque do trabalho será no levantamento de documentações e bibliografias referentes aos conceitos que ainda vejo necessidade de desenvolver, como o estabelecimento de semelhanças e diferenças no que diz respeito ao entendimento de autogestão, cultura, pluralismo, artista-cidadão e outras conceituações que podem dar seguimento direcionado à pesquisa. Seguindo, simultaneamente, com o levantamento de sites e projetos vinculados às organizações dos autores e o mapeamento de suas atividades. Enfim, pretende-se a sistematização bibliográfica e do material analisado segundo as perguntas propostas e, em diante sistematizações dos materiais e análises que ainda se fizerem necessárias, acompanhado da organização desse conteúdo para redação do relatório final.

5. Cronograma de Trabalho

Meses	6	7	8	9	10	11	12
Atividades							
Levantamento bibliográfico							
Levantamento Documentação							
Levantamento de conteúdo vinculado aos conceitos pretendidos							
Levantamento de sites e projetos vinculados							
Sistematização Bibliográfica							
Sistematização do material e análise segundo as perguntas propostas.							
Organização dos arquivos sistematizados e análise do conjunto de documentos e bibliografia.							
Redação do Relatório Final							

6. Bibliografia

AUGUSTO, Acácio. ANPUH-SP - XXI Encontro Estadual de História; Trabalho, Cultura e Memória. Campinas, 03 a 06 de setembro de 2012. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

AUGUSTO, Acácio. *Penalizações a céu aberto, uma política planetária*. Revista Ecológica número 4, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13062/9565> . Acesso em: 06/03/2013.

EBLE, Laetitia Jensen. *(Auto)Biografias Urbanas: Percursos Possíveis pela Literatura Marginal*. Revista Iberical, Universidade de Sorbonne, Paris.

MAGNANI, José G.C. *Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana*. Sexta-Feira nº 8, São Paulo, Ed. 34, 2006 (entrevista concedida ao corpo editorial da revista RUA), p. 30-43.

MOASSAB, Andréia. *Brasil Periferia(s): A comunicação Insurgente do Hip Hop*. São Paulo: EDUC, 2011.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Vozes Marginais da literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/pt-br.php>.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate*. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

OLIVEIRA, Salete. *Política e Resiliência – apaziguamentos distendidos*. Revista Ecológica número 4, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>. Acessado em: 03/03/13.

PASSETTI, Edson. ANPUH-SP – XXI Encontro Estadual de História; Trabalho, Cultura e Memória. Campinas, 03 a 06 de setembro de 2012. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

RIBEIRO, Gilvan Procópio e MIRANDA Waldilene Silva. *Intelectuais da Periferia: uma análise das performances de Ferréz*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2011/05/8-Intelectuais.pdf>. Acesso em: 24/10/12.

VAZ, Sérgio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

Caros Amigos (Suplemento Literário). *Literatura Marginal: a cultura da periferia: Ato I*. São Paulo, agosto de 2001.

Caros Amigos (Suplemento Literário). *Literatura Marginal: a cultura da periferia: Ato II*. São Paulo, junho de 2002.

Caros Amigos (Suplemento Literário). *Literatura Marginal: a cultura da periferia: Ato III*. São Paulo, abril de 2004.

7. Anexo

1. O mapeamento de saraus periféricos na cidade de São Paulo foi realizado pelo periódico *Folha de São Paulo* em matéria realizada em 2010, “Crescimento de saraus espalha poesia por São Paulo; veja mapa”.

SÃO PAULO DECLAMA Alguns saraus literários na região metropolitana



Encontros com entrada grátis.
As inscrições para declamar
são por ordem de chegada

1 Sarau da Cooperifa

> bar do Zé Batidão - r. Bartolomeu dos Santos, 797, Jardim Guarujá
> toda 4ª, às 20h40, 0/xx/11/5891-7403
coleccionadordepedras1.blogspot.com

3 Suburbano Convicto

> livraria Suburbano Convicto - r. 13 de Maio, Bexiga
> toda 3ª, às 20h
sarausuburbano.blogspot.com

5 Poesia na Brasa

> bar do Carlita - r. Profº Viveiros Raposo, 534, Brasilândia
> quinzenal, aos sábados, 19h
brasasarau.blogspot.com

7 Pávio da Cultura

> Centro Cultural de Suzano - r. Benjamin Constant, 682, centro, Suzano
> 2º sábado do mês, às 20h
literaturanobrasil.blogspot.com

9 Cabaret Revoltaire

> Beat Club - r. Augusta, 625, Consolação
> quinzenal, às 3ªs, 0/xx/11/3255-0804

2 Sarau do Binho

> bar do Binho - r. Dr. Avelino Lemos Jr., 60, Campo Limpo
> toda 2ª, às 21h, 0/xx/11/5844-4535
saraudobinho.blogspot.com

4 Sarau da Casa das Rosas

> Casa das Rosas - av. Paulista, 37 - Bela Vista
> todo sábado, às 19h, 0/xx/11/3285-6986
casadasrosas-sp.org.br

6 Elo da Corrente

> bar do Santista - r. Jurubim, 788-A, Pirituba
> algumas 5ªs, às 21h, 0/xx/11/3903-2649
elo-da-corrente.blogspot.com

8 Sarau da Ademar

> bar do Rui - r. Prof. Felício Cintra do Prado, 152, Cidade Ademar
> alguns domingos, 17h
sarau-da-ademar.blogspot.com

10 Sarau do Charles

> Gam Yoga - r. Fradique Coutinho, 1004, Vila Madalena
> mensal, aos sábados, 0/xx/11/3537-9331
rasodacatarina.com.br

(disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u683409.shtml> . acesso em: 29/11/12)

Para além, constituída em 1995, a POIESIS – Instituto de Apoio à Cultura, à Língua e à Literatura é uma organização não governamental que, em 2008, recebeu a qualificação de Organização Social (OS) por parte do Governo do

Estado de São Paulo, tornando-se assim capacitada para exercer políticas sociais na área cultural.

A instituição, que tem por objetivo o desenvolvimento sociocultural e educacional, com ênfase na preservação e difusão da língua portuguesa, desenvolve e gere programas e projetos, pesquisas e espaços culturais, museológicos e educacionais voltados para o complemento da formação de estudantes e público em geral. A POIESIS trabalha com o propósito de propiciar espaços de acesso democrático ao conhecimento, de estímulo à criação artística e intelectual e de difusão da língua e da literatura.

O seu projeto, Pontos de Poesia surgiu da percepção de que o movimento poético tem se consolidado e crescido muito nos últimos cinco anos na Grande São Paulo, espalhando-se por todos os cantos da maior cidade de língua portuguesa do mundo. Assim, decidiu-se por mapear os saraus poéticos que acontecem na metrópole e, em 2009, registramos 32 pontos de poesia que estimularam a criação de novos pontos. Na pesquisa de campo e descobriu-se que o número de saraus quase dobrou, refletindo a possibilidade e riquezas em áreas carentes de literatura.